



Programa e Bibliografia – Edital nº 110/2016

ÁREAS DE CONHECIMENTO - REGIME DE TRABALHO DE 20 HORAS SEMANAIS			
CAMPUS	ÁREA	PROGRAMA	BIBLIOGRAFIA
Bagé	Algoritmos e programação, estruturas de dados	<ol style="list-style-type: none">1. Problemas, algoritmos e programas;2. Conceituação de algoritmo;3. Paradigma imperativo;4. Constantes e variáveis;5. Comandos de atribuição;6. Comandos de entrada e saída;7. Operações de controle de fluxo: testes condicionais, estruturas de repetição;8. Vetores e matrizes;9. Encapsulamento de código: funções e procedimentos;10. Passagem de parâmetros por referência e por valor;11. Ponteiros e alocação dinâmica de memória;12. Linguagem de programação C;13. Tipos abstratos de dados;14. Listas encadeadas;15. Árvores e grafos.	<ul style="list-style-type: none">. ASCENCIO, Ana Fernanda Gomes; CAMPOS, Edilene Aparecida Veneruchi de. Fundamentos da Programação de Computadores: Algoritmos, Pascal, C/C++ e Java. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.. FORBELLONE, André Luiz Vilar; EBERSPACHER, Henri Frederico. Lógica de Programação: A construção de algoritmos e estruturas de dados. 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.. LOPES, Anita; GARCIA, Guto. Introdução a programação - 500 algoritmos resolvidos. São Paulo: Campus, 2002.. KERNIGHAN, Brian W.; RITCHIE, Dennis M. C, a linguagem de programação: padrão ANSI. 2ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.. MANZANO, Jose Augusto N. G.; Oliveira, Jayr Figueiredo de. Algoritmos: lógica para desenvolvimento de programação de computadores. 21 ed. São Paulo: Érica, 2007.
Bagé	Física	<ol style="list-style-type: none">1. Cinemática de partículas pontuais;2. Leis de Newton;3. Trabalho e energia cinética;4. Conservação de energia;5. Momento linear, impulso e colisões;6. Rotação de corpos rígidos, torque e trabalho;7. Conservação do momento angular;8. Gravitação;9. Oscilações de Ondas;10. Termodinâmica.	<ul style="list-style-type: none">. NUSSENZVEIG, H.M., Curso de Física Básica, v. 1, São Paulo: Edgar Blucher LTDA, 1987.. _____, Curso de Física Básica, v. 2, São Paulo: Edgar Blucher LTDA, 1987.. TIPLER, P.A., MOSCA, G., Física. S.ed , v. 1, Rio de Janeiro: LTC, 2006.. HALLIDAY, D., RESNICK, R., KRANE, K.S., Física, v. 1, Rio de Janeiro: LTC Ltda, 1992.. _____, Física, v. 2, Rio de Janeiro: LTC Ltda, 1992.
Caçapava do Sul	Ensino de Ciências	<ol style="list-style-type: none">1. Problematização, contextualização e interdisciplinaridade no ensino de Ciências;2. Formação docente e o ensino de Ciências3. Ensinar e Aprender pela Pesquisa: perspectivas no ensino de Ciências;4. Aprendizagem e Avaliação no ensino de Ciências5. Tecnologias e Ensino de Ciências6. Ciência-Tecnologia-Sociedade: transversalização no ensino de Ciências;7. História e Epistemologia da Ciência8. Aspectos didáticos, metodológicos e curriculares do ensino de Ciências;9. Políticas Públicas Educacionais e o ensino de Ciências;10. Resolução de problemas e o ensino de Ciências;11. Divulgação científica e o ensino de Ciências;12. Laboratório didático e práticas de ensino.	<ul style="list-style-type: none">. ANDRÉ, M. (org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas: Papirus, 2001.. ARAUJO, I. S., VEIT, E. A., Uma revisão da literatura sobre estudos relativos a tecnologias computacionais no ensino de Física. Investigações em Ensino de Ciências (UFRGS), São Paulo, v. 4, n. 3, p. 5-18, 2004.. BRASIL. Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Parecer CNE/CEB n. 7/2010. Brasília, 2010b. DOU de 9 julho de 2010, Seção 1, p.10.. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, 2002b. DOU de 18 jan. 2002, Seção 1, p.31.. BRASIL. Ministério da Educação. O Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípio e programas. Brasília, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/. Acesso em: 05 março 2014.. BRASIL. Projeto de Lei nº 8035 de 2010. Aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020 e dá outras providências. Câmara dos Deputados: Brasília, 2010a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=16478&Itemid=1107. Acesso em: 25 janeiro 2014.. CACHAPUZ, A.; GIL-PEREZ D.; CARVALHO, A. P. De; PRAIA, J.; VILCHES, A. (orgs.). A necessária renovação do ensino de ciências. São Paulo: Cortez, 2005.. CARVALHO, A. M. P. de. Ensino de Ciências: unindo a pesquisa e a prática. São Paulo: Pioneira Thonsom Learning, 2006.. _____. Formação de professores de Ciências: tendências e inovações. São Paulo: Cortez, 2011.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



			<ul style="list-style-type: none">. DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A.; PERNAMBUCO, M. C. A. Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2007.. DEMO, P. Educar pela pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2011.. GALIAZZI, M. C.; AUTH, M; MORAES R.; MANCUSO, R. (org). Construção Curricular em rede na Educação em Ciências: Uma aposta da pesquisa em sala de aula. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.. LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSHI, M. S. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.. PAIS, L. C. Didática da matemática: uma análise da influência francesa. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.. PAVÃO, A. C.; FREITAS, D. (org.). Quanta ciência há no ensino de ciências. São Carlos: EduSCar, 2008.. POZO, J. I. (org). A Solução de Problemas: Aprender a resolver, resolver para aprender. Porto Alegre: Artmed, 1998.. SANTOS, W. L. P; AULER, D (Org.). CTS e educação científica: desafios, tendências e resultados de pesquisa. Brasília: editora Fundação UNB, 2011.. ZAMBONI, L. M. S. Cientistas, jornalistas e divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: Autores Associados, 2001.
Dom Pedrito	Educação do Campo e Ciências Sociais	<ol style="list-style-type: none">1. A educação do campo no contexto da educação brasileira: aspectos históricos, culturais, políticos e econômicos.2. A questão agrária, movimentos sociais e a trajetória da educação do campo no Brasil: principais experiências.3. Legislação e políticas públicas para a educação do campo no Brasil.4. Processos de democratização da gestão escolar no Brasil e as implicações para a educação do campo.5. Contextualizações econômicas, sociais e culturais do campesinato no Brasil e suas relações com a educação do campo.6. O desenvolvimento do capitalismo agrário e seus impactos nos processos educacionais dos povos do campo.7. Cultura, trabalho e educação escolar: implicações para a educação do campo.8. Organização do trabalho pedagógico na relação com a cultura e regimes de conhecimentos das populações do campo.9. Formação inicial e continuada de professores para atuação nos diferentes níveis e modalidades na educação do campo.10. A pesquisa social e a formação de professores para a educação do campo.	<ul style="list-style-type: none">. ARROYO, M. G.; CALDART, R, S.; MOLINA, M. C. Por uma Educação do Campo. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2004. CALDART, R., PEREIRA, I. B., ALETEJANO, P., FRIGOTTO, G. (ORGS). Dicionário de Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.. FERNANDES, F. Sociedade de classes e subdesenvolvimento. 5ª ed. São Paulo: Global, 2008.. ROSÁRIO, M. J. A. do; ARAÚJO, R. M. de L. (org.). Políticas Públicas Educacionais. 2ª Ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.. SEYFERTH, G. Campesinato e o Estado no Brasil. Mana, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 395-417, Ago. 2011.. TCHAYANOV, A. V. Teoria dos Sistemas Económicos Não-Capitalistas. In Análise Social, ano XII, n. 46, Lisboa: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1976. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223914353V2aDN7ku4Mf79OI1.pdf>.. WANDERLEY, M. N. B. O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.. WOLF, E. W. Tipos de Campesinato Latino-Americano: Uma Discussão Disciplinar. In Antropologia e Poder, Brasília/Campinas: EdUnB/Editora Unicamp, 2003.. WULF, C. Antropologia da educação. Trad. Sidney Reinaldo da Silva. Campinas, SP: Alínea, 2005.
Jaguarão	Linguística: Língua Materna	<ol style="list-style-type: none">1. Variação linguística e ensino2. Produção textual acadêmica3. Português como língua estrangeira4. Linguística aplicada ao ensino da língua materna5. Prática docente em atividade de estágio6. Linguagem e educação7. Gêneros textuais/discursivos e ensino8. Fatores de textualidade9. Estratégias de leitura	<ul style="list-style-type: none">. ALMEIDA FILHO, J. C. P. O ensino de português para estrangeiros: pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais didáticos. Campinas: Pontes, 1989.. _____. Linguística aplicada, ensino de línguas e comunicação. Campinas: Pontes, 2007.. BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.. MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola,. MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.. KOCH, I. V. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.. PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.. SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.) Introdução à Linguística, v. 2: São Paulo: Cortez, 2000.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Uruguiana	Educação Física Escolar	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ensino de Educação Física Escolar: estudo de processos em diferentes espaços educativos. 2. Processos metodológicos de aproximação com o campo das práticas educativas em Educação Física. 3. Tendências e concepções de ensino da Educação Física escolar. 4. História e evolução da Educação Física no Brasil. 5. Objetivos e significados da Educação Física na infância. 6. Abordagens teórico-metodológicas da Educação Física na Infância. 7. O lazer enquanto fenômeno sociocultural. 8. O ensino do lazer na Educação Física. 9. A pesquisa como uma estratégia na formação do professor de Educação Física. 10. Histórico e evolução da ginástica no mundo e no Brasil. 11. O ensino dos fundamentos da ginástica na Educação Física escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> . BETTI, M. Educação Física e sociedade. São Paulo: Movimento, 1991. . BRASIL, Ministério da Educação. (2002), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena (Resolução CNE/CP 1, de 18/02/2002 e Resolução CNE/CP 2, 19/02/2002). . _____. Ministério da Educação. (2004), Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Educação Física. CNE/CES. Resolução n. 7. Brasília: MEC. . COLETIVO DE AUTORES. Metodologia de ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992. . DARIDO, S.C. e RANGEL, I.C.A. Educação Física na escola; implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. . DEBORTOLI, J.A.; LINHARES, M.A; VAGO, T.M. Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma educação Física “para” e “com” as crianças. In: Revista Pensar a prática, vol. 5: 92-105. Jul/Jun. 2001-2002. . FANTIN, M. Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006, 262p. . GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM. Visão didática da educação física: análises críticas e exemplos práticos de aulas. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991. . KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Unijuí, 1994. . LOPES, M. G. Jogos na educação; criar, fazer, jogar. São Paulo: Cortez, 2001. . MARCELINO, N. C. Pedagogia da Animação. Campinas: Papyrus, 1990; . VAZ, A.F., SAYÃO, D.T. e PINTO, F.M. (Orgs.). Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de educação física. Florianópolis: UFSC, 2002. . VEIGA, I.P. (org.). (1995), Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papyrus.
-----------	-------------------------	---	--

ÁREAS DE CONHECIMENTO - REGIME DE TRABALHO DE 40 HORAS SEMANAIS			
CAMPUS	ÁREA	PROGRAMA	BIBLIOGRAFIA
Alegrete	Algoritmos e Arquitetura de Computadores	<ol style="list-style-type: none"> 1. Lógica de Programação; 2. Dados, operadores, expressões e algoritmos sequenciais; 3. Estruturas de controle condicionais e iterativas; 4. Vetores e matrizes; 5. Modularização; 6. Organização de von Neumann e Harvard; 7. Hierarquia de Memória; 8. Arquiteturas RISC e CISC; 9. Arquiteturas Pipeline e Superescalar; 10. Multiprocessadores e Multicomputadores. 	<ul style="list-style-type: none"> • ASCENCIO, A.; CAMPOS, E. Fundamentos da Programação de Computadores. 3.ed. São Paulo: Pearson, 2012. • CELES, W.; CERQUEIRA, R.; RANGEL, J. L. Introdução a Estruturas de Dados: com técnicas de programação em C. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2004. • LOPES, A.; GARCIA, G. Introdução à Programação: 500 algoritmos resolvidos. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2002. • PATTERSON, David A.; HENNESSY, John L.. Organização e Projeto de Computadores. Rio de Janeiro, RJ, Elsevier, 2005. • STALLINGS, William. Arquitetura e Organização de Computadores: projeto para o desempenho. 5a ed., São Paulo, SP, Prentice Hall, 2005. • TANENBAUM, Andrew S. Organização Estruturada de Computadores. 5a ed., Rio de Janeiro, PrenticeHall do Brasil, 2006.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



<p>Bagé</p>	<p>Química</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estrutura atômica e propriedades eletrônicas dos átomos e moléculas; 2. Ligação química e estrutura molecular. Sólidos, metais e semicondutores (Teoria das Bandas); 3. Química dos compostos de coordenação: modelos de ligação e reações químicas; 4. Leis da Termodinâmica; 5. Termoquímica; 6. Diagramas de fase de substâncias puras; 7. Equilíbrio e cinética química; 8. Eletroquímica; 9. Funções orgânicas; 10. Teoria de Ligação de Valência e do Orbital Molecular. 	<ul style="list-style-type: none"> . ATKINS, P.W. Físico-Química; vol. 1, 8ª ed. LTC Editora, 2008. . _____. Físico-Química: Fundamentos; 5ª ed. Rio de Janeiro, LTC Editora, 2011. . CASTELLAN, Gilbert W. Fundamentos de físico-química. Rio de Janeiro, LTC Editora, 2007. . Dupont, J.; Lissner, E. Química Organometálica: Elementos do Bloco D. 1. ed. Porto Alegre: Bookmann, 2005. 300 p. . JONES, CHRIS J. A., Química dos Elementos dos Blocos d e f, Ed. Bookman Companhia Editora, Porto Alegre, 2002. . LEE, J.D., Química Inorgânica não tão Concisa, 5ª Ed., Ed. Edgard Blucher, 1999. . SHRIVER, D. F., ATKINS, P. W., Química Inorgânica, 3ª Ed. Bookman: Porto Alegre, 2003. . T.W.Graham Solomons, Craig Fryhle, Química Orgânica - Vol. 1", 8a Edição, Ltc, 2005. . _____, Craig Fryhle, Química Orgânica - Vol. 2", 8a Edição, Ltc, 2006.
<p>Uruguiana</p>	<p>Anatomia Animal, Semiologia Veterinária e Técnica Cirúrgica Veterinária</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cavidades Corporais dos Animais Domésticos 2. Sistema Digestório de monogástricos dos Animais Domésticos 3. Sistema Digestório de ruminantes 4. Sistema Respiratório dos Animais Domésticos 5. Sistema Gênito - urinário feminino dos Animais Domésticos 6. Sistema Genital masculino dos Animais Domésticos 7. Sistema Cardiovascular dos Animais Domésticos 8. Sistema Nervoso Central dos Animais Domésticos 9. Órgãos dos Sentidos dos Animais Domésticos 10. Conceitos Gerais de Osteologia 11. Miologia do Membro Torácico nos Animais Domésticos 12. Anatomia Topográfica da Cabeça dos Animais Domésticos 13. Anatomia Topográfica da Cavidade Torácica dos Animais Domésticos 14 . Anatomia Topográfica das Cavidades Abdominal e Pélvica dos Animais Domésticos 15 . Introdução à Semiologia 16 . Exame Clínico Geral dos Animais domésticos 17 . Diérese cirúrgica 18 . Síntese cirúrgica 	<ul style="list-style-type: none"> . DYCE, K.M. SACK,W.O. WENSING,C. J. G. Tratado de anatomia veterinária. 4ª ed. Elsevier. 2010. . FEITOSA, F.L.F. Semiologia Veterinária: a arte do diagnóstico. 2. ed. São Paulo: Roca, 2008. 754p . FOSSUM, T.W. Cirurgia de Pequenos Animais - 3ª edição. Ed. Elsevier, 2008. 1632p. . GETTY, R. (Ed.), Sisson/Grossman Anatomia dos Animais Domésticos. Vol. 1 e 2. 5ª. ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 1986. . INTERNATIONAL COMMITTEE ON VETERINARY GROSS ANATOMICAL NOMENCLATURE Nomina anatomica veterinaria. 5. ed. Ithaca: Word Association of Veterinary Anatomists, 2005. 165 p. Disponível em: www.wava-amav.org/Downloads/nav_2012.pdf; . KÖNIG, H.E.; LIEBICH, H.G. Anatomia dos Animais Domésticos: texto e atlas colorido. 4.ed. Artmed. 2011. . RADOSTITS, O.M., MAYHEW, I.G., HOUSTON, D.M. Exame clínico e diagnóstico em medicina veterinária. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 604p. . SLATTER, D. Manual de Cirurgia de Pequenos Animais - 3ª edição - 2 volumes Ed. Manole, 2007. 2806p.
<p>Uruguiana</p>	<p>Cosmetologia, Farmacotécnica Homeopática e Estágio</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desodorantes, antiperspirantes e perfumes 2. Preparações cosméticas para banho: sabonetes, óleos e sais para banho 3. Produtos capilares: Xampus e condicionadores 4. Fotoprotetores, aceleradores e simuladores de bronzeado 5. Envelhecimento cutâneo e formulações anti-sinais 6. Cosméticos clareadores 7. Esfoliantes para pele 8. Cosméticos decorativos 9. Histórico e fundamentos da homeopatia 10. Escalas e métodos de preparação de formas farmacêuticas homeopáticas. 	<ul style="list-style-type: none"> . FONSECA, A.; PRISTA, L. N. Manual de Terapêutica Dermatológica e Cosmetologia, São Paulo: Rocca, 2000 . FARMACOPÉIA Homeopática Brasileira. 3 ed. São Paulo: Atheneu, 2011. . FONTES, O. L. Farmácia Homeopática: teoria e prática. 3 ed. Barueri: Editora Manole, 2009. . PRUNEIRAS, M. Manual de Cosmetologia Dermatológica, 2ª. ed. São Paulo: Editora Andrei, 1994. . RIBEIRO, C. Cosmetologia Aplicada à Dermoestética, 2ª. ed. São Paulo: Pharmabooks, 2010 . ROSENBAUM, P. Fundamentos de Homeopatia para Estudantes de Medicina e de Ciências da Saúde. São Paulo: Editora Rocca, 2002.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Uruguiana	Farmácia - controle de qualidade de medicamentos, deontologia farmacêutica e estágios	<ol style="list-style-type: none"> 1. Métodos analíticos para o controle de qualidade biológico e microbiológico de produtos farmacêuticos; 2. Controle de qualidade de matéria-prima; 3. Controle de qualidade de formas farmacêuticas sólidas; 4. Controle de qualidade de formas farmacêuticas semissólidas; 5. Controle de qualidade de formas farmacêuticas injetáveis; 6. Controle de qualidade de formas farmacêuticas líquidas; 7. Validação de métodos analíticos; 8. Código de Ética da Profissão Farmacêutica; 	<ul style="list-style-type: none"> . BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RE nº 899, de 29 de maio de 2003. Autoriza a publicação do Guia para Validação de Métodos Analíticos e Bioanalíticos. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 02 jun. 2003. . FARMACOPÉIA Brasileira. 5ed. São Paulo: Atheneu, 2010. . GIL, E. S. Controle Físico-Químico de Qualidade de Medicamentos. 2 ed. São Paulo: Pharmabooks, 2007. . HARRIS, D. Análise Química Quantitativa. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2012. . PINTO, T. J. A.; KANEKO, T. M.; OHARA, M. T. Controle biológico de qualidade de produtos farmacêuticos, correlatos e cosméticos. 2.ed. São Paulo: Atheneu, 2003. . RESOLUÇÃO Nº 596 DE 21 DE FEVEREIRO DE 2014. Ementa: Dispõe sobre o Código de Ética Farmacêutica, o Código de Processo Ético e estabelece as infrações e as regras de aplicação das sanções disciplinares. . SKOOG, D.A., D.M. WEST & F. J. HOLLER, Fundamentos de Química. Analítica. 8. Ed. Toronto: Thomson, 2006. . UNITED STATES PHARMACOPEIA, The (USP) 38 ed. Rockville, United States Convention, 2015. . WATSON, D. Pharmaceutical Analysis: A Textbook for Pharmacy Students and Pharmaceutical Chemists. 3. Ed. London: Churchill Livingstone, 2012.
Uruguiana	Microbiologia Veterinária	<ol style="list-style-type: none"> 1. Família Enterobacteriaceae 2. Família micrococaceae e cocos gram positivos importantes em medicina veterinária 3. Actinomycetos e Micobactérias 4. Família Pasteurellaceae 5. Fungos: gêneros importantes em medicina veterinária, morfologia, classificação e identificação 6. Enfermidades causadas por bactérias gram positivas no trato respiratório de equinos 7. Enfermidades respiratórias bacterianas em suínos 8. Gênero Leptospira e enfermidade causada nas diferentes espécies animais 9. Pitiose e Dermatofitoses animais 10. Brucelose, Tuberculose e Paratuberculose 	<ul style="list-style-type: none"> . HIRSH, D.C.; ZEE, Y.C. Microbiologia Veterinária. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. 446p. . MADIGAN, M.T.; MARTINKO, J.M.; PARKER, J. Microbiologia de Brock. 10. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2008. 608p. . MARKEY, B.; LEONARD, F.; ARCHAMBAULT, M.; CULLINANE, A.; MAGUIRE, D. Clinical Veterinary Microbiology, 2. ed. Edinburg: Mosby/Elsevier, 2013. 901p. . McVEY, D.S.; KENNEDY, M.; CHENGAPPA, M.M. Veterinary Microbiology. 3. ed. Ames, Iowa: Wiley-Blackwell, 2013. 629p. . QUINN, P.J.; MARKEY, B.K.; CARTER, M.E.; DONNELLY, W.J.; LEONARD, F.C. Microbiologia Veterinária e Doenças Infeciosas. Porto Alegre: Artmed, 2005. 512p. . PELCZAR, M. J.; CHAN, E. C. S.; KRIEG, N. R. Microbiologia: Conceitos e aplicações. 2. ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2008. 1 v. 524p.; 2 v. 516p. . SCHRECKENBERGER, P.C., WOODS, G. L. Koneman Diagnóstico Microbiológico – Texto e Atlas Colorido, 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 1565p. . TORTORA, G. J.; FUNKE, B.R.; CASE, C.L. Microbiologia. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 894p. . TRABULSI, L. R.; ALTERTHUM, F.; Microbiologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2008. 760p. . WINN JR, W.C.; ALLEN, S.D.; JANDA, W.M.; KONEMAN, E.W., PROCOP, G.W.,

Bagé, RS, 05 de maio de 2016.

Divisão de Concursos
PROGESP/UNIPAMPA